

Falta de empatia ao trabalho docente: os dissabores vivenciados pelo professor durante a pandemia

Lack of empathy to teaching work: the disables experienced by the teacher during the pandemic

Falta de empatía al trabajo docente: las discapacidades experimentadas por el maestro durante la pandemia

Sônia da Cunha Urt*

Silvia Segovia Araujo Freire**

Adaline Franco Rodrigues***

Resumo

Este trabalho destaca a importância do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são primordiais para possibilitar ao homem a percepção de si e de suas atitudes na relação com o outro na sociedade. Também explora e denuncia a falta de empatia ao trabalho docente emergido durante a pandemia, além de evidenciar a particularidade da educação escolar para o processo de constituição humana. Em contraposição, oferece um recorte bibliográfico de pesquisas que abarcam a empatia como fator preponderante para o enfrentamento ao adoecimento do professor em épocas de crises e inseguranças pessoais e profissionais. Estas, próprias do cenário atual, denunciaram o despreço por esse profissional e apresentaram de forma explícita a desigualdade social nos moldes do trabalho remoto. Os pressupostos teóricos da psicologia histórico-cultural fundamentam as análises realizadas no artigo. O interesse no assunto abordado está relacionado a pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e pelo Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação dessa instituição.

Palavras-chave: funções psicológicas superiores; educação; psicologia histórico-cultural; pandemia; empatia.

Recebido em: 29/10/2020 – Aprovado em: 12/08/2021

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v28i3.11797>

* Doutora em Educação (Unicamp). Mestre em Educação (PUC-SP), Brasil. Professora Pesquisadora Sênior dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação (GEPPE) da UFMS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0309-3498>. E-mail: surt@terra.com.br

** Doutoranda do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - PPGEduc UFMS - Campus Campo Grande, MS. Mestre em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. Graduada em Psicologia (UFMS). Membro do GEPPE – Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação da UFMS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0196-6945>. E-mail: ssafsm@gmail.com

*** Doutoranda do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - PPGEduc UFMS - Campus Campo Grande, MS. Mestre em Ciências aplicadas à Saúde pela Universidade Federal de Goiás - UFG - Campus Jataí, GO. Graduada em Fisioterapia pela Faculdade Mineirense FAMA, Mineiros, GO. Membro do GEPPE – Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação da UFMS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1605-5391>. E-mail: adaline-franco@gmail.com

Abstract

This work highlights the importance of developing higher psychological functions, which are essential to enable humans to perceive themselves and their attitudes in relation to others in society. It also explores and denounces the lack of empathy for the teaching work that emerged during the pandemic, in addition to highlighting the particularity of school education for the process of human constitution. In contrast, it offers a bibliographic excerpt of research that includes empathy as a preponderant factor for coping with the illness of the teacher in times of crises and personal and professional insecurities. These, typical of the current scenario, denounced the lack of appreciation for this professional and explicitly presented social inequality along the lines of remote work. The theoretical assumptions of Historical-Cultural Psychology underlie the analyzes carried out in the article. The interest in the subject addressed is related to research developed by the Doctoral Program in Education at the Federal University of Mato Grosso do Sul and the Study and Research Group in Psychology and Education of that institution.

Keywords: higher psychological functions; education; historical-cultural psychology; pandemic; empathy.

Resumen

Este trabajo destaca la importancia de desarrollar funciones psicológicas superiores, que son fundamentales para que los hombres puedan percibirse a sí mismos y sus actitudes en relación con los demás en la sociedad. También explora y denuncia la falta de empatía por la labor docente surgida durante la pandemia, además de resaltar la particularidad de la educación escolar para el proceso de constitución humana. Por el contrario, ofrece un extracto bibliográfico de investigación que incluye la empatía como factor preponderante para el afrontamiento de la enfermedad del docente en tiempos de crisis e inseguridades personales y profesionales. Estos, propios del escenario actual, denunciaron la falta de valoración de este profesional y explicitaron la desigualdad social en la línea del trabajo a distancia. Los supuestos teóricos de la Psicología Histórico-Cultural subyacen a los análisis realizados en el artículo. El interés en el tema mencionado está relacionado con la investigación desarrollada por el Programa de Doctorado en Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul y el Grupo de Estudios e Investigación en Psicología y Educación de esa institución.

Palabras-clave: funciones psicológicas superiores; educación; psicología histórico-cultural; pandemia; empatía.

Introdução

Estudar o desenvolvimento e as ações do sujeito implica considerar a mediação, os valores, os comportamentos cristalizados presentes nas relações e sua condição social e histórica. As funções mentais superiores e especificamente os processos de desenvolvimento das emoções e sentimentos vão sendo constituídos à medida que o indivíduo se desenvolve e vivencia as experiências da vida social e cultural, o que envolve a integração de múltiplos elementos: consciência, linguagem, pensamento, percepção, atenção e comportamento.

Entender o comportamento humano e especialmente as falhas no desenvolvimento ou nas habilidades emocionais sugere apreendê-lo mediante a compreensão de sua inserção sociocultural, como Vygotsky¹ sugere ao afirmar que, dessa forma, a cultura torna-se parte da natureza humana, em um processo histórico e social.

Isso significa que o ser humano é parte de uma espécie biológica, que só se forma e se desenvolve no interior de um grupo pertencente a uma cultura. O sujeito representa a capacidade de posicionamento de indivíduos e de grupos, de forma que todas as relações interpessoais interferem em sua constituição, na formação dos sistemas psicológicos e na construção da própria consciência.

Ao considerar um contexto de adversidades, como de uma pandemia, por exemplo, pode-se verificar que o homem ainda precisa alavancar-se enquanto espécie humana e ser social. Nesse momento, comportamentos diante de situações dessemelhantes e de profissionais que atuam centrados em suas especialidades têm denunciado a desmoralização por meio dos discursos chocantes por parte dessa sociedade, especificamente aos trabalhadores da educação. São esses discursos que expedem indagações como: quais as falhas no desenvolvimento humano? Quanto a privação à educação contribui para a formação de sujeitos incapazes de se colocarem no lugar do outro em momentos como o do cenário atual em que vive o mundo?

Dessa forma, este artigo pretende discutir as condições impostas ao trabalho e à saúde dos docentes em tempo de pandemia e, em tempo, discorrer sobre a importância do desenvolvimento humano e de suas funções psicológicas superiores, para que possamos viver em sociedade exercendo a empatia e o respeito.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e sua imprescindibilidade para as relações humanas

Vygotsky fundamentou sua teoria no materialismo histórico-dialético, considerando que o homem se desenvolve de forma quantitativa e qualitativa, combinado às transformações históricas e culturais, de acordo com a sociedade na qual está inserido. Seu desenvolvimento ocorre por meio da mediação, com uso de instrumentos e signos que fazem parte de um processo complexo e culturalmente estabelecido por intermédio das relações sociais. Esse ser humano é histórico, estabelece-se em função de suas necessidades e das transformações realizadas na natureza, e suas ações modificam a si e a própria natureza. Trata-se de uma relação dialética, homem e natureza, história e cultura, processos psicológicos elementares e processos psicológicos superiores, portanto, a natureza do homem é histórica.

Vygotsky (2007) atribui diferença entre as funções elementares e as funções superiores, afirmando que as primeiras se dão por meio de estímulos no ambiente, enquanto as segundas são autogeradas, criadas, e se tornam a causa imediata do

comportamento. Ele considera que o desenvolvimento advém da junção de duas linhas: os processos elementares, de antecedentes biológicos, e as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural.

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes orgânicas e de seu arranjo orgânico. A junção da ação da fala, dos olhos e das mãos provoca a internalização do campo visual, tornando-se percepção. Esse processo dá origem às formas caracteristicamente humanas de comportamento (VYGOTSKY, 2007).

Por compreender o sujeito em sua totalidade, Vygotsky não separa o biológico do cultural e o intelecto do afeto. Ao contrário, ele almeja compreender o processo de desenvolvimento humano e apontar as formas de modificação e maturação de suas funções, entre elas as funções psicológicas superiores, que caracterizam a espécie humana (REGO, 2014). As necessidades humanas, como as emoções, os desejos, os interesses e as motivações, compreendem todo esse processo, que também resulta no desenvolvimento do pensamento, da fala social, da escrita e, logo, torna-se abstrata. Percebe-se, dessa forma, a importância do ensino escolar, descrevendo que a maturação ocorre de forma plena quando o acesso à educação é possibilitado ao homem. Portanto, a educação escolar pode unir as funções elementares e as funções superiores em uma única direção, permitindo as relações entre pensamento e linguagem, a apreensão dos elementos culturais e sociais desenvolvidos ao longo da historicidade e a internalização de conhecimentos e significados.

Um importante fato ressaltado por Vygotsky (2007) é a articulação do conhecimento espontâneo ou adquirido ao conhecimento científico. O conhecimento espontâneo refere-se ao que a criança adquire por pertencer a um grupo social, as experiências que traz consigo, vivências culturalmente estabelecidas; e o conhecimento científico é o aprendizado sistemático, organizado, os conteúdos escolares.

A psicologia histórico-cultural apregoa uma compreensão de que o homem se constitui nas relações com o mundo, por meio das experiências acumuladas historicamente, e, dessa forma, desenvolve-se e interage socialmente. Tais constituição e interação ocorrem por meio do processo ensino-aprendizagem que se concretiza na educação. Na concepção de Urt e Morettini (2005), a educação, por se constituir em um procedimento organizado de transmissão da experiência social, desempenha um papel determinante no processo de desenvolvimento psíquico da criança.

Martins (2015, p. 271) descreve que o processo de aquisição das particularidades humanas, no caso os comportamentos complexos culturalmente formados, ocorre por meio da prática histórico-social e afirma ainda que:

Os processos de internalização, por sua vez, se interpõem entre os planos das relações interpessoais (intersíquicas) e das relações intrapessoais (intrapíquicas); o que significa dizer que instituem-se a partir do universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo singular pela mediação de outros indivíduos, ou seja, por meio de processos educativos.

A educação é, sem dúvida, o meio para que o homem possa aprimorar-se como espécie e desenvolver-se de maneira auspiciosa, para relações conscientes, afetivas, de respeito e humanizadas. Vygotsky (2007) e Smirnov (1969) avigoram o valor da afetividade na constituição do humano, ao apresentarem o sujeito como composto por corpo, afeto, cognição e meio social de modo indissociável, em que um é causa e efeito do outro, produto e produtor do outro, cuja fragmentação torna-se impossível, o que justifica o método dialético para se estudar o desenvolvimento humano.

Assim, a historicidade provoca o desenvolvimento emocional em função do tempo e pelo meio em que se desenvolve, visto que, no percurso histórico de desenvolvimento da humanidade, modificam-se os significados e sentidos dos sentimentos e emoções de outrora, o que, em uma época histórica, provoca sentimentos especiais nos membros de uma classe social determinada, pode provocar sentimentos opostos nos membros de outra classe social e em outra época histórica (SMIRNOV, 1969). Isso reflete no modo como a sociedade se constitui e ascende também aos sentimentos morais, às normas e aos sentimentos estéticos dos seres humanos, que, da mesma forma, dependem das relações estabelecidas pelo desenvolvimento emocional ocorrido desde a infância.

É nesse sentido que se ressalta a importância do desenvolvimento das funções psicológicas superiores e confere atenção à peculiaridade dos sentimentos e o quanto a educação complementa esse processo. O homem é um ser social, que necessita de outros homens, as suas relações lhe permitem desenvolver e aprender de forma que possa estabelecer e manter suas relações com o mundo e permitem ampla compreensão do outro, de cada função e sua contribuição para a história e a cultura de uma sociedade. Logo, envolvê-lo em toda circunstância que envolve a sociedade que pertence, no seu tempo e em sua história, favorece o seu posicionamento consciente e compreensivo frente às adversidades, por exemplo, uma pandemia, frente às pessoas e às atividades humanas nesse contexto, atividade descrita aqui no sentido do trabalho, que requerem respeito e empatia.

A empatia como fruto da relação consciente e hominizada

Segundo Goleman (1995, p.136), a palavra empatia tem origem grega – *empathia*, que significa tendência para sentir o que se sentiria caso estivesse no lugar de outra pessoa. Já Brolezzi (2014, p. 155) aponta que o termo empatia teria nascido da palavra alemã *Einfühlung*, que significa “sentir dentro”, “sentir em”, atribuída ao filósofo alemão Robert Vischer (1847-1933), usada por ele em 1873, para delinear a experiência estética da simples contemplação de uma pintura artística, que poderia provocar uma simpatia (sentir com) estética. O autor salienta ainda que o conceito de empatia é relativamente recente e passou por um processo de ampliação, metamorfose e diversificação no decorrer dos anos. Assim, atualmente, empatia é um conceito designado para elucidar uma cadeia de manifestações humanas que indicam o conhecimento do outro, abrangendo suas ideias e seus sentimentos. Tais manifestações ocorrem cotidianamente, de várias formas, e propiciam ao sujeito “colocar-se no lugar do outro”; “sentir o que o outro sente, na perspectiva do outro”; ou então, são apresentadas como “uma resposta de uma pessoa ao estado afetivo de outra” (BASTOS; CARVALHO, 1992, p. 114).

Ao passo que a empatia não é uma conduta observável por si, mas uma circunstância induzida e vivenciada a partir de evidências indiretas, como a orientação de um comportamento para um objetivo, suas consequências, a coerência de certas relações estabelecidas em um intervalo de tempo e o caráter das reações de um ser humano ao comportamento do outro, conforme afirmam Bussab, Pedrosa e Carvalho (2007), não é uma atitude somente, tampouco só uma emoção, mas um conjunto de sentimentos, valores e ações frente ao universo do outro.

Vygotsky (1999) também se apropriou do conceito de empatia vinculado à estética e destacou a importância da arte, sua compreensão, interpretação e participação, no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois, lado a lado à educação, expande a cultura, o conhecimento, as características de uma sociedade. Além disso, por meio da arte, o homem pode sentir-se, expressar-se e colocar-se no lugar do outro, a partir do momento que compreende e interpreta uma obra, seja literária, uma pintura ou peças teatrais, músicas, entre outras. Arte é cultura, é educação, é possibilidade de desenvolvimento humano e de um dos sentimentos essenciais para a vida em sociedade: *a empatia* (BARROCO; SUPERTI, 2014; BROLEZZI, 2014).

O termo apareceu nas produções de Vygotsky, especialmente nas obras da fase produtiva inicial, como no livro *Psicologia da arte* (1925/1999), na tentativa de elucidar a afinidade entre a imitação interior e a habilidade de compreensão

dos outros, conferindo a eles sentimentos, emoções e pensamentos. Tais elementos podem ser encontrados nos conceitos mais explorados pelo autor, como catarse e vivência. Seus conceitos de empatia podem convir a diversos ramos da Filosofia, como a fenomenologia, e da Psicologia. Em particular da psicologia social, da educação e da neurociência, resultando em importante contribuição para compreender os fenômenos educativos (BROLEZZI, 2014; PRESTES; TUNES, 2012).

Brolezzi (2014) analisa a interligação dos conceitos empatia e catarse aplicados à estética e à arte, e tais considerações podem ser transcendidas a todos os aspectos das relações sociais, visto que se compreende que, para Vygotsky, o que produz a catarse é o elemento social subconsciente no indivíduo. A transformação na catarse conjugaria a elevação das emoções com outras funções mentais, aos níveis consciente, social e universal, de forma a envolver os aspectos cognitivos, sociais e culturais. Esse pressuposto está relacionado ao desenvolvimento do conceito de empatia – sem empatia, não há catarse.

Adentra-se, aí, ao conceito de vivência, imprescindível aos processos de desenvolvimento das funções mentais superiores e das relações humanas. Vygotsky (1999) percebe que, a partir da empatia pela arte, há a superação do sentimento individual, e seu aspecto criativo está no fato de ela possibilitar a transferência de uma vivência comum. Não obstante, as emoções e os sentimentos são fenômenos inteligentes, muito além de meros reflexos sensoriais de predisposições biológicas, e a empatia se faz nessa interação entre o que se experimenta, o que se pensa e o que se sente. Chega-se, então, ao termo vivência, utilizado pelo autor para representar a ideia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, vivida, percebida ou experimentada diferentemente por diversos sujeitos (BROLEZZI, 2014; PRESTES; TUNES, 2012).

Vê-se, assim, que a capacidade de promover empatia nos relacionamentos com as pessoas com as quais convivemos, seja em casa ou no trabalho, é uma das particularidades da inteligência interpessoal e basilar para quem quer se tornar emocionalmente eficaz (TAKAKI; SANT'ANA, 2004), ou seja, esse processo ocorre a partir das relações sociais e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Percalços e dissabores vividos pelos docentes durante a pandemia

As relações, especialmente no campo educacional, foram transformadas completamente frente à pandemia da Covid-19, que exigiu das instituições de ensino, públicas e privadas, o repensar de novas formas de organização pedagógica. Essa realidade fez com que a precarização do trabalho docente fosse ainda mais inten-

sificada, fazendo vir à tona a necessidade de olhar de perto a saúde mental dos professores, de tecer considerações e até mesmo delatar os falsos paradigmas e as falsas concepções populares acerca do trabalho docente nessa nova estruturação do espaço e da forma de ensino.

Pereira, Santos e Manenti (2020), em artigo publicado em maio de 2020, que trata da saúde mental de docentes em tempos de pandemia, relatam que no Brasil a pandemia teve seus primeiros efeitos em 03 de fevereiro de 2020, segundo publicação da Portaria n. 188, do Ministério da Saúde, que declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN). Em 26 de fevereiro de 2020, ocorreu o primeiro caso confirmado de paciente infectado no país e, a partir de então, instaurou-se um momento de tensão que atingiu a estruturação da educação brasileira. Inicialmente, o calendário letivo foi suspenso, acreditando-se que as atividades logo retornariam, mas, com o passar dos dias e os números de infectados e óbitos cada vez maiores, percebeu-se que o retorno deveria ser postergado. Mediante essa situação, as escolas privadas, prejudicadas e pressionadas por seus clientes, iniciaram atividades remotas como estratégia didático-pedagógica. Tal panorama se estendeu rapidamente às escolas públicas. Frente ao aumento desse tipo de atividade, o Conselho Nacional de Educação emitiu o Parecer 05/2020, reorganizando o calendário escolar e permitindo atividades não presenciais. Esse momento evidenciou e agravou a precarização do trabalho docente. Mais que isso, expôs o perfil alienante, excludente e explorador do capital diante das formas que o trabalho assume. Nesse cenário, evidenciaram-se, ainda, as concepções cristalizadas de organização da sociedade, que as forças conservadoras trazem arraigadas, no que tange à carga-horária, à mão de obra e à (des)valorização profissional.

Zaidan e Galvão (2020) corroboram esse apontamento e observam que essa situação não se instalou com a pandemia, mas é consequência da exasperação de forças conservadoras e neoliberais na política brasileira, que fortalece a exploração da mão de obra, uma vez que o trabalho toma todos os momentos e espaços do ambiente de descanso, do lar das professoras e dos professores, sem que sejam resarcidos(as) por isso. Essa situação nem é percebida ou valorizada, e muitas vezes o trabalho docente é subestimado. Além disso, em diversas situações, os docentes não são preparados para utilização das ferramentas de aula remota.

Essa conjuntura acarreta muitos elementos corrosivos para o sistema educacional, como o árduo trabalho da reinvenção e da resiliência, a proatividade e a perspicácia em manter uma educação remota que se faça ativa, presente e minimamente acessível, associada às lacunas das condições trabalhistas, estruturais e

formativas desses profissionais da educação (ZAIDAN; GALVÃO, 2020; PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020).

Durante os meses de mudanças na formatação do espaço de ensino e das relações de trabalho, distintos relatos, desabafos, postagens e notícias foram publicados, confirmando os obstáculos e os sofrimentos vividos pelos profissionais da educação. Alguns recortes dessas publicações foram feitos e são descritos a seguir, na tentativa de elucidar o que foi vivenciado pelos professores durante esse período.

Em reportagem publicada em junho de 2020, Hashizume (2020) relatou a realidade de uma aula pública virtual realizada por professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), destacando os efeitos da pandemia sobre a saúde mental. Nessa ocasião, a professora Mayte Amazarray, do departamento de Psicologia da UFCSPA, apresentou uma síntese das consequências da pandemia para os profissionais da educação, como a mudança abrupta da rotina de vida sem a possibilidade de um preparo; a sobreposição de papéis e atividades (maternidade, trabalho, questões domésticas etc.); o excesso de notícias sobre a pandemia e, por fim, as consequências econômicas e sociais ligadas a esse cenário.

Idemar Vanderlei Beki (2020), dirigente de um núcleo Sindical em Londrina, PR, publicou, em julho daquele ano, um artigo de opinião no *site* da Associação dos Professores do Paraná do Sindicato de Londrina, relatando as dificuldades dos professores no uso de plataformas *online*, com a burocratização do serviço, o aumento da carga horária e a dificuldade de acesso dos alunos. O texto apresenta também uma pesquisa com 270 professores(as) da rede estadual de ensino do Paraná, realizada por esse mesmo sindicato, que aponta que quase 30% dos professores entrevistados apresentavam alguma queixa de sofrimento mental e sobrecarga de trabalho em virtude do momento vivido. A ansiedade e o estresse foram os fatores mais preocupantes (16,4%), seguidos do sentimento de cobrança (por colegas de trabalho, alunos e familiares) e de demandas que geram angústias, cansaço e dores (10,2%), além de muito tempo em frente ao computador, com excesso de cansaço audiovisual e dores corporais (13,3%).

Anna Rachel Ferreira (2020) publicou, em agosto de 2020, pela *Revista Brasil Escola*, um texto intitulado “Teste: professor, como anda a sua saúde mental?”, no qual apresenta alguns dados de pesquisa realizada em maio de 2020 por esse mesmo *site*, a fim de verificar a situação dos docentes durante a pandemia. Os dados apontam que, dos 8.121 profissionais da educação básica que responderam às perguntas, 28% avaliaram tal situação como péssima ou ruim e 30%, como ra-

zoável. Apenas 8% afirmaram que se sentem ótimos ao comparar a própria saúde emocional antes e depois da quarentena. Na sequência, a autora apresentou alguns quesitos para o enfrentamento desse período e do sofrimento psíquico, como a necessidade de escutar, entender e apoiar o outro.

Também em agosto, Janaína Junqueira Valaci Cruvinel e Karina Klink (2020) publicaram, no *site* “Pensar a Educação”, as dificuldades e a precarização do trabalho docente em Minas Gerais. Nessa reportagem, as autoras relataram que os profissionais da educação sequer participaram de qualquer decisão para a estruturação da educação de forma remota. As autoras finalizam a reportagem refletindo que é nesse contexto autoritário que o papel dos profissionais da educação é precarizado, em um novo modelo de ensino – enquanto docentes se desdobram em suas tarefas diárias, outros atores sociais são convocados a pensar a educação.

No mesmo mês, Lucas Santana (2020) publicou, na *Revista Nova Escola*, os relatos da dificuldade cotidiana do ensino a distância e a esperança de dias melhores para três professoras. A primeira, moradora de Piraí, no interior do Rio de Janeiro, professora do primeiro ano do ensino fundamental, relatou a sensação de impotência frente à nova realidade, ao mesmo tempo em que se referiu ao medo de voltar às atividades presenciais e ao risco de contaminação. Observou ainda que menos de 25% dos alunos acessam a plataforma *online*, e os que não têm acesso à internet podem buscar as atividades elaboradas por ela e impressas na escola. A segunda professora, moradora de Porto Alegre, RS, que leciona para os anos iniciais do ensino fundamental e do ensino médio, na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, desabafou afirmando que: “de repente, suas vidas mudaram da água para o vinho”. Relatou que sentiu medo e insegurança diante de um vírus desconhecido que transformou seu cotidiano e mencionou o receio de retorno às atividades com aglomeração. Por fim, a terceira professora, educadora do quinto ano da rede municipal e moradora de Campinas, SP, explicou que imaginava que tudo ocorreria bem rápido e logo voltaria ao normal. Confessou que já passou por situações de ficar deprimida e angustiada e que chorou ao ver os alunos em uma videochamada pela primeira vez.

A (des)empatia frente aos dissabores vivenciados pelo professor em tempos de pandemia

O mundo todo vive uma situação atípica, em função da pandemia instaurada pela doença infecciosa causada pelo SARS-CoV-2. A Covid-19 carrega, além das incertezas, o medo, a dor, a fadiga e o desespero para todos, inclusive para os docen-

tes. Ao considerar o sujeito um ser histórico e social, pode-se compreender o quanto esse momento tem apresentado dificuldades para que este mantenha as relações necessárias para o seu desenvolvimento, especificamente no que tange à educação. Urt e Morettini (2005, p. 105) descrevem que a natureza do desenvolvimento psíquico do homem é socio-histórico, “visto que o indivíduo assimila experiências das gerações passadas e as transmite, e isto se processa por meio da educação”. É na educação escolar que o homem pode ter a oportunidade de desenvolver, aprender e apropriar-se de conhecimentos que favorecerão sua constituição e suas relações.

O ser humano precisa das relações sociais, porque é a partir delas que se constitui, desenvolve suas funções psicológicas superiores, perpetua a história e a sociedade. A empatia, como resposta afetiva desenvolvida e produto do desenvolvimento das funções mentais superiores, faz parte desse processo de constituição e torna-se fundamental para a compreensão e o respeito ao outro.

Em se tratando do trabalho docente, pesquisas recentes apontam um quadro de exaustão dos professores, que passaram a relatar sintomas de ansiedade e esgotamento mental frente às cobranças e às pressões de diferentes ordens relacionadas às novas formas assumidas pelo trabalho (OLIVEIRA, J., 2020; PRAUN, 2020). Nesse momento, percebe-se também uma crescente desvalorização desse profissional e uma enxurrada de críticas indevidas pelos mais diversos motivos. Facilmente, pode-se deparar com comentários pejorativos que se dirigem ao professor como alguém que hoje “recebe o salário sem trabalhar” ou “ganha para ficar em casa”. Esses comentários apontam a falta de reconhecimento, de empatia e informação em relação ao trabalho docente. A negação ou a falta de empatia frente ao trabalho desse profissional ignora as elevadas horas e os esforços dispensados na elaboração de atividades, aulas, provas, reuniões *online*, bem como a falta de facilidade com as plataformas digitais, além de outras atividades burocráticas cuja finalidade é impulsionar o processo de aprendizagem mesmo em um momento atípico da sociedade.

Essa constatação remete às observações de diferentes situações explicitadas no âmbito da educação brasileira. Mariano e Muniz (2006), por exemplo, descreveram que o cenário educativo brasileiro apresenta um quadro deficiente no que se refere às questões relacionadas à saúde dos professores, às condições de trabalho, à formação e à prática profissional docente do ensino público. O panorama descrito pelos autores foi observado em tempos comuns, mas o que pensar sobre as condições de trabalho e a carga física e emocional em tempos de pandemia? A pormenorização do trabalho do sujeito professor em um momento de pandemia escancara a *falta da educação*. Atenção! Estamos falando *da educação* e não de

educação. A educação é a forma de construir o caráter social e material do homem, sua subjetividade e aquisição de saberes primordiais para sua vida, pois é por meio da organização da educação que a cultura é historicamente transmitida.

Entende-se que Vygotsky atribuiu à educação escolar um papel indispensável no desenvolvimento humano, caracterizando-a como fator imprescindível para a aprendizagem de conteúdos historicamente organizados e possíveis de contribuir para o desenvolvimento das funções mentais das crianças, tornando-as posteriormente homens ou mulheres críticos, humanos e conscientes de suas atitudes para a vida em sociedade. Essa concepção da educação é descrita por Rego (2014, p. 104), que reforça a compreensão de que o espaço escolar possibilita as transformações na vida do ser humano:

Na escola as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extraescolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado. Nesse contexto, as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais.

Dessa forma, percebe-se como a falta *da* educação influencia na formação do sujeito, na sua subjetividade e na capacidade de abstração, para ter uma compreensão de diferentes circunstâncias de forma ampla e precisa, como no caso de uma pandemia. Não colaborar com o distanciamento social, não ter empatia, não compreender a dimensão das consequências, desconsiderar todo o trabalho dos docentes, entre outras atitudes, podem ser resumidas por uma sociedade cujo desenvolvimento cultural e educacional se demonstra corrompido. É importante ressaltar que esse fator, percebido durante a pandemia, soma-se a inúmeros outros que favorecem o adoecimento docente.

Apesar do distanciamento social, as atividades docentes têm sido desempenhadas perante inúmeras dificuldades, com o intuito de colaborar com o aprendizado e contribuir para o desenvolvimento das crianças. Dados descritos no relatório sobre o trabalho docente em tempos de pandemia, organizado por Dalila Andrade Oliveira (2020), apontam que grande parte (84%) dos(as) professores(as) de todo o país continua a desenvolver atividades de trabalho de forma remota; quase metade (46%) desses(as) docentes continua interagindo com os estudantes; e mais da metade (53,6%) não possui preparo para ministrar aulas não presenciais. Os dados considerados nesse relatório, a partir de pesquisa realizada em todos os estados brasileiros, confirmam por si só a excessiva carga física e psíquica carregada pelos docentes durante o período de pandemia.

Em meio à turbulência da Covid-19, torna-se imperativo pensar em medidas necessárias para evitar a disseminação do vírus, em novas formas de trabalho, no desrespeito ao docente e em medidas que possam colaborar para a saúde mental desses profissionais ainda durante esse momento. Silva *et al.* (2020) indicam a necessidade de instrumentalizar os docentes para o uso de tecnologias, a criação de espaços virtuais compostos de equipes multiprofissionais, para propiciar cuidado à saúde mental desses trabalhadores por meio da compreensão das angústias e dos sentimentos que envolvem suas vidas no contexto de pandemia.

Jackson Filho *et al.* (2020) ressaltam a importância de se dar visibilidade ao aspecto do adoecimento durante o período de pandemia, para que não implique em sua pouca valorização nas políticas públicas. O campo do trabalho de forma integral deve ser considerado nesse momento de enfrentamento da Covid-19. Considere-se, porém, que poucos compreendem a dimensão e as forças dispensadas para a contenção do vírus SARS-CoV-2. Por meio das pesquisas, da ciência e da educação, estão sendo empenhados esforços possíveis e impossíveis para que a vida humana não seja dizimada por esse vírus. Pois bem, soa como escárnio quando se fala que a continuidade da vida humana depende justamente do setor que se encontra em tamanha difamação, desvalorização e empobrecimento por essa sociedade neoliberal.

Dias e Pinto (2020) enfatizam a importância da educação quando descrevem que, com inteligência, integridade, competência e planejamento, essa crise pode ensinar e, em tempo futuro, contribuir para formar cidadãos conscientes e melhorar a educação no Brasil e no mundo. Assim como Pessoa (2020) descreve que, apesar de todo obscurantismo e negacionismo, é preciso entender a importância da educação, para que se pense em uma transformação social pós-pandemia, e adverte sobre a necessidade de formar jovens com valores éticos, altruístas, colaborativos, propondo uma sociedade mais justa, baseada na igualdade democrática e inclusiva.

A educação coopera com a conexão do conhecimento adquirido por meio das experiências ao conhecimento científico, organizado, eleva o pensamento e a capacidade crítica do homem e faz com que ele perceba seu papel na sociedade e as condições favoráveis para o seu crescimento pessoal. Inegavelmente, a educação pode favorecer e contribuir para a transformação da sociedade, desde que todos possam ter acesso a ela, em seus mais profundos e verdadeiros sentidos, significados e recursos necessários para o aprendizado. Uma sociedade que considera a educação como principal mecanismo de desenvolvimento pessoal, cultural, histórico e econômico torna-se um coletivo de pessoas com valores éticos e morais que, em momentos atípicos, como em uma pandemia, disseminam respeito, cooperação,

responsabilidades mútuas e empatia. Também não difamam a ciência, não abatem a dor do outro, não desvalorizam o trabalho alheio, não contribuem para o adoecimento do próximo, não realizam discursos vulgares, do tipo “ir passando a boiada”, como forma de se dar seus jeitos.

É na luta por uma sociedade mais justa, pela valorização dos profissionais, mesmo diante das imensuráveis dificuldades e limitações, que este trabalho se refere aos docentes, à educação, à pesquisa e à ciência, que não cedem e não se curvam perante as tentativas tenebrosas dessa sociedade capitalista.

Considerações finais

A pandemia denunciou, de forma transparente, sem qualquer artifício, a necessidade de se pensar a educação como processo de formação, constituição e transformação do homem, pelo fato de ter expressado a desigualdade sem subterfúgios como a máxima dessa sociedade. A escola, com sua peculiaridade, como instituição social e de direito de todos, escancara nesse momento a falta de respeito e investimento na educação brasileira. Os comportamentos e os discursos direcionados ao docente apresentam total falta de respeito e conhecimento sobre sua função singular na sociedade e sua contribuição na formação do homem.

O homem se relaciona com o mundo, e esse mundo precisa estar preparado para contribuir com a constituição de cada ser singular. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores é fundamental para que o sujeito possa se relacionar, se desenvolver, aprender e colaborar com a formação de outros sujeitos, por meio da internalização e da compreensão dos processos mentais que se pode permitir viver como sujeito participativo e consciente, e não meramente repetidor de comportamentos e conceitos impostos por uma sociedade desagregadora e desigual.

Não resta dúvidas sobre a necessidade de novos estudos acerca do processo de trabalho e adoecimento docente, porém, a pandemia expôs, de forma cristalina, como o professor é percebido pela sociedade. Percebe-se, em suma, que a sociedade organizada sob ideais capitalistas, de legado neoliberal, reforçados pelo cenário político brasileiro, cuja prioridade é a estabilização econômica “custe o que custar e a vida que custar”, é a grande fomentadora desta *falta da educação* e, por consequência, da falta da empatia promulgada. Aqui, os pais e/ou responsáveis percebem o professor como o cuidador, alguém que tem dia e hora marcados para cuidar de seus filhos por determinado período, ao mesmo tempo em que desvalo-

rizam a sobrecarga e o trabalho desempenhado pelo sujeito professor durante sua atividade e sua peculiaridade.

Por fim, ressalta-se como a pandemia, de forma explícita, tem delatado essa *(des)empatia* ao trabalho docente e nas relações sociais como um todo, por isso, reforça-se o quanto a educação voltada para o desenvolvimento afetivo, humanizador e empático é imprescindível ao sujeito e à sua constituição, para que se possa viver em uma sociedade que objetive a formação e a emancipação humana.

Nota

¹ Nas referências ao psicólogo soviético, a grafia de seu nome é registrada de diversas formas, como Vigotski, Vigotsky, Vygotsky. No entanto, neste trabalho, aparece na forma Vygotsky, preservando a grafia adotada por diferentes autores, quando citado nas indicações bibliográficas.

Referências

- BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: Contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>. Acesso em: 06 out. 2020.
- BASTOS, Maria Fernanda; CARVALHO, Alysson Mascote. Empatia entre crianças. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA DA SBP, 21. Comportamento pró-social: questões filogenéticas e ontogenéticas. *Anais [...]*. Ribeirão Preto, SP, 1992. p. 114-116. Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/arquivos/1991.PDF>. Acesso em: 07 out. 2020.
- BEKI, Idemar Vanderlei. *O sofrimento mental se agrava no período da pandemia*. APP Sindicato Londrina [online]. 2020. Disponível em: <https://www.applondrina.com/2020/07/17/o-sofrimento-mental-se-agrava-no-periodo-da-pandemia-01/>. Acesso em: 07 out. 2020.
- BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia em Vigotski. *Dialogia*, São Paulo, n. 20, p. 153-166, jul./dez. 2014.
- BUSSAB, Vera Silvia Raad; PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 99-133, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 out. 2020.
- CRUVINEL, Janaína Junqueira Valaci; KLINKE, Karina. Precarização do trabalho docente em tempos de pandemia: a experiência de Minas Gerais. *Revista Virtual Pensar Educação, Pensar o Brasil*, Belo Horizonte, UFMG, 7 ago. 2020. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/precarizacao-do-trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-a-experiencia-de-minas-gerais/>. Acesso em: 7 out. 2020.
- DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A educação e a Covid-19. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 28, n. 108, p. 545-554, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002801080001>. Acesso em: 07 out. 2020.

FERREIRA, Anna Rachel. Teste: Professor, como anda a sua saúde mental? *Nova Escola [online]*, 10 ago. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19611/teste-professor-como-anda-a-sua-saude-mental#>. Acesso em: 07 out. 2020.

JACKSON FILHO, José Marçal *et al.* A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 2020. ISSN: 2317-6369 (online). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369ED0000120>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HASHIZUME, Cristina Miyuki. *Professoras da UFRGS e UFCSPA destacam os efeitos da pandemia na saúde mental*. Proifes - Federação de Sindicatos de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico Técnico e Tecnológico [online]. 2020. Disponível em: <https://www.proifes.org.br/noticias-proifes/professoras-da-ufrgs-e-ufcspa-destacam-efeitos-da-pandemia-na-saude-mental/>. Acesso em: 07 out. 2020.

MARIANO, Maria do Socorro Sales; MUNIZ, Hélder Pordeus. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, UERJ, ano 6, n. 1, p. 77-88, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307838249>. Acesso em: 27 jul. 2020.

MARTINS, Ligia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. 1. reimpr. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Trabalho docente em tempos de pandemia*. Relatório Técnico. Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO/UFGM). 2020. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/relatorio-tecnico-trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 05 out. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho. *El País*, São Paulo, 21 maio 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>. Acesso em: 24 jun. 2020.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fabio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3986851. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/74>. Acesso em: 3 jun. 2022.

PESSOA, Romualdo. *Os desafios dos docentes em tempos de pandemia e de novas tecnologias de ensino*. Ascom Adufg-Sindicato. Publicado em: 03 jul. 2020. Disponível em: <https://www.adufg.org.br/noticias/2-noticias/8696-artigo-os-desafios-dos-docentes-em-tempos-de-pandemia-e-de-novas-tecnologias-de-ensino>. Acesso em: 05 out. 2020.

PRAUN, Luci. A espiral da destruição: legado neoliberal, pandemia e precarização do trabalho. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. A trajetória de obras de Vygotsky: um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 327-340, jul./set. 2012.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTANA, Lucas. Professores na pandemia: “De repente, nossas vidas mudaram da água para o vinho”. *Revista Nova Escola [online]*, 06 ago. 2020. Disponível em: <https://nova.escola.org.br/conteudo/19604/professores-na-pandemia-de-repente-nossas-vidas-mudaram-da-agua-para-o-vinho>. Acesso em: 07 out. 2020.

SILVA, Andrey Ferreira da *et al.* Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300216, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v30n2/0103-7331-physis-30-02-e300216.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

SMIRNOV, Anatoli A. Las emociones y los sentimientos. In: SMIRNOV, L. *et al.* *Psicologia*. Havana: Imprensa Nacional de Cuba, 1969. p. 355-382.

TAKAKI, Maria Harue; SANTANA, Debora de Mello Gonçalves. A empatia como essência no cuidado prestado ao cliente pela equipe de enfermagem de uma unidade básica de saúde. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 9 n. 1, p. 79-83, jan./jun. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/55679/Downloads/1708-3553-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

URT, Sonia da Cunha; MORETTINI, Marly Teixeira. *A Psicologia e os desafios da prática educativa*. Campo Grande: UFMS, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich (1925). *Psicologia da arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAIDAN, Junia Mattos; GALVÃO, Ana Carolina. Covid-19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (org.). *Pandemias e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020. p. 261-275.